



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA GOIANO - CAMPUS URUTAÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA



Eliaquim de Araujo Ferreira

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS DE COLÉGIOS ESTADUAIS DOS MUNICÍPIOS DE URUTAÍ E ORIZONA – GOIÁS



Urutaí – GO
Dezembro/2019

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

FEL42o Ferreira, Eliaquim de Araujo Ferreira
A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS DE
COLÉGIOS ESTADUAIS DOS MUNICÍPIOS DE URUTAÍ E ORIZONA
- GOIÁS / Eliaquim de Araujo Ferreira Ferreira;
orientadora Elisabete Alerico Gonçalves Gonçalves. --
Urutaí, 2019.
38 p.

TCC (Graduação em Licenciatura em Química) --
Instituto Federal Goiano, Campus Urutaí, 2019.

1. Ensino. . 2. Ciências.. 3. Orientação Sexual..
I. Gonçalves, Elisabete Alerico Gonçalves, orient.
II. Título.

Eliaquim de Araujo Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em Química.

Orientadora: Elisabete Alerico Gonçalves

Urutaí – GO
Dezembro/2019

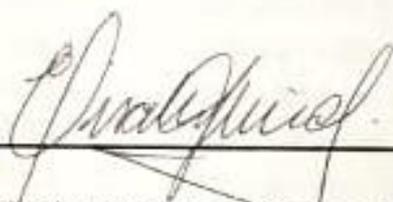
A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS DE COLÉGIOS ESTADUAIS DOS MUNICÍPIOS DE URUTAÍ E ORIZONA – GOIÁS

Eliaquim Araujo Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em Química.

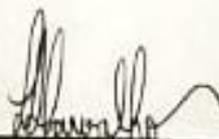
Defendido e aprovado em 11/12/19.

Banca Examinadora

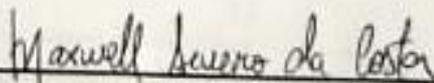


Profa. Ma. Elisabete Alerico Gonsalves (IF Goiano/Urutaí)

Presidente da Banca



Profa. Dra. Leonice de Andrade Carvalho (IF Goiano/Urutaí)



Prof. Me. Maxwell Severo da Costa (IF Goiano/Urutaí)

DEDICATÓRIA

Dedico esse Trabalho a todos que sempre colaboraram com o meu sucesso e me apoiaram durante a minha caminhada, em especial a professora Elisabete Alerico Gonçalves.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus porque nos momentos mais difíceis que vivi foi Ele quem me sustentou e deu forças para prosseguir.

À minha família, que foi o alicerce ensinando-me sempre e a seguir em frente, lutando sempre de cabeça erguida, enfrentando os leões do dia a dia.

À minha mãe Maria Benice de Araujo, que sempre se esforçou para garantir minha permanência na faculdade, apoiando-me da melhor maneira possível.

Agradeço ainda, aos amigos que se foram, mas que deixaram marcas no meu destino.

Nunca vou esquecer a contribuição de todos para a realização do meu sonho!

O meu muito obrigado aos professores que sempre me compreenderam e se preocuparam comigo. Minha eterna gratidão por sempre se disponibilizarem a ensinar com paciência e dedicação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Painéis desenvolvidos nos grupos focais	28
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Área de formação e atuação dos professores dos Colégios “A, B, C,
D” – 19

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percepção dos alunos sobre sua orientação sexual	21
Gráfico 2: Atos de preconceito contra o grupo LGBT na escola.....	23
Gráfico 3: Abordagem sobre diversidade e orientação sexual nas disciplinas de ciências	24
Gráfico 4: Avaliação da importância do tema no colégio	25
Gráfico 5: Avaliação dos Grupos Focais (GFs)	28
Gráfico 6: Esclarecimentos sobre o assunto “orientação sexual” a partir do GF	29
Gráfico 7: Sentimento ao ouvir os colegas LGBTs	30
Gráfico 8: Preconceito aos LGBTs	31
Gráfico 9: Quanto a abordagem do tema em ciências.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	17
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	18
3.1 DESENVOLVIMENTO DOS GRUPOS FOCAIS (GFs).....	25
4. CONCLUSÃO.....	33
5. REFERÊNCIAS.....	34

RESUMO

Verificar a percepção dos alunos, os sentidos atribuídos pelos professores de ciências sobre a orientação sexual e o tratamento atribuído à temática é o objetivo desta pesquisa que tem cunho qualitativo e de campo. Analisou-se quatro Colégios Estaduais dos municípios de Orizona e Urutaí, GO., sendo aplicados questionários semiestruturados e desenvolvido grupos focais para coleta de dados. Verificou-se que os conteúdos permanecem com características biologizantes e os significados que excluem e estigmatizam o assunto, não são problematizados adequadamente. Ainda há rejeição e negação das orientações sexuais que não sejam heterossexuais, promovendo um “vácuo identitário” para os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Ciências. Orientação Sexual.

ABSTRACT

The objective of this qualitative field study was to record student perceptions of how science teachers present and ascribe meaning to the topic of sexual orientation. Data were collected from students in four high schools located in the municipalities of Orizona and Urutaí, Goiás State, Brazil via semi-structured questionnaires and focus groups. We found that these topics contain biologizing characteristics and meaning that exclude and stigmatize the subjects, that are also not properly problematized. There is still rejection and denial of sexual orientation that is not heterosexual, which promotes an “identity vacuum” for students.

Keywords: Teaching. Sciences. Sexual orientation.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade humana tem sido objeto de estudos e pesquisas em diversas áreas, culminando na constituição de um conjunto de conhecimentos produzidos socialmente e historicamente pela humanidade. Sua compreensão não está livre de influências políticas, econômicas e sociais, o que faz com ela esteja “longe de ser uma expressão pura dos sentimentos e desejos humanos, pois é construída no contexto sócio histórico, influenciada pelos interesses ideológicos de classes proeminentes de um povo sobre outros” (MARIUZZO, 2003, p. 28) em decorrência de o ser humano a expressar,

[...] como atividade que lhe é própria enquanto resultante de seu desenvolvimento biológico, psíquico e social [...]. Suas particularidades são determinadas por influências educacionais, econômicas, ideológicas, morais, culturais e políticas, que por sua vez, obedecem também a determinações sócio-históricas (MARIUZZO, 2003, p. 11).

Pelo fato de se tratar do sentido atribuído à sexualidade é importante fazer sua distinção em relação a gênero. Grande parte dos discursos sobre gênero incluem ou englobam as questões de sexualidade (MAC NA GHAILL, 1996 *apud* LOURO, 1997, p. 8), por isso a relevância de se estabelecer as distinções existentes entre ambas. Apesar disso, como menciona Louro (1997), ao se tentar fazer isso, pode-se apresentar apenas uma esquematização, uma vez que na prática social estas dimensões são, em determinados momentos, articuladas e confundidas. Apesar disso, apresentamos alguns estudos que tratam da concepção de sexualidade. Weeks (1993 *apud* LOURO, 1997, p. 9), diz que “sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo”, ressaltando a impossibilidade de se “compreender a sexualidade observando apenas seus componentes ‘naturais’ [...], esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais”. Foucault, em “A história da sexualidade” (1988), menciona compreendê-la como uma “invenção social”, por entender que se constitui a partir de múltiplos discursos “que normalizam, que instauram saberes, que produzem verdades” (LOURO, 1997, *apud* KRAICZEK, s/a, p. 5). Discursos estes que, regulam, normalizam e atribuem “verdades”.

Conforme Weeks *apud* Britzman (1996 *apud* LOURO, 1997, p. 9), os sujeitos podem exercer sua sexualidade de maneiras diferentes, pois podem “viver seus desejos e prazeres corporais” de muitos modos. Desta maneira, constroem sua

identidade sexual de acordo com que vivem sua sexualidade, com parceiros do mesmo sexo ou não, mas também se identificando social e historicamente como masculinos ou femininos, construindo *identidade de gênero* (LOURO, 1997), se inter-relacionando, apesar de não ser a mesma coisa como é o caso dos sujeitos masculinos ou femininos que são heterossexuais, homossexuais, bissexuais, etc. Estes aspectos são imprescindíveis de serem apresentados para deixar claro que “as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (LOURO, 1997, p. 9), sem que seja possível fixar um momento; uma idade a ser estabelecida.

Vendo então como se constitui a identidade sexual, é “preciso buscar a superação da visão biologizante com relação à sexualidade e ao gênero, ressaltando que as possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas” (LOURO, 2000 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 894).

Inúmeras vezes, um determinado padrão social, especialmente o heteronormativo, impede que as pessoas percebam como seus corpos e suas vivências afetivas e sexuais são controlados e influenciados por significações compartilhadas, que muitas vezes, ocorrem de forma “natural” ou imperceptível (COELHO e CAMPOS, 2015, p. 897).

Os significados se expressam como “conceitos, saberes, modos de ação, independentemente da relação individual que os homens estabelecem com ela” (ASBAHR, 2011 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 895), podendo então sofrer influências difundidas no contexto histórico-social, reprimindo o indivíduo, interpretando sua identidade sexual como sendo inadequada para o padrão social atribuído por determinado grupo. Observa-se que:

A família, com o seu silêncio ou discursos repressores e confusos; a igreja, com seus valores dogmáticos; a escola, pela sua omissão de responsabilidade na formação do ser humano; os meios de comunicação, com a exacerbação e banalização de sentimentos, e pela mercantilização do corpo humano, do afeto e do sexo, são algumas das instâncias que mais interferem na formação da concepção de sexualidade no indivíduo (MARIUZZO, 2003, p. 27).

Neste contexto, é imprescindível abordar temáticas que tratem dos valores humanos nas escolas, que estejam diretamente ligados aos direitos humanos além dos conhecimentos científicos e, a orientação sexual faz parte disso. A abordagem

pedagógica nas escolas, deve acontecer com conteúdos pertinentes à sexualidade, desprovida de preconceitos, discriminações e de crenças pessoais, mas essas questões nem sempre são abordadas com esse cuidado.

A definição dos termos ainda gera insegurança ao serem abordados, por esse motivo apresenta-se uma definição de “orientação sexual”, disposta no Caderno da SEED/PR a partir dos Grupos de Trabalho e Pesquisa sobre Orientação Sexual (GTPOS), uma vez que trataremos a questão da educação sexual desta maneira.

A orientação sexual se propõe a fornecer informações sobre a sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamentos sobre posturas, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais (...) definindo-se como *o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade*, realizado principalmente em escolas (GTPOS *apud* FURLANI, 2009, p. 42).

Observa-se que esta definição desconstrói e se desvincula daquela visão higienista, de aspecto biológico e por esse motivo é preciso mostrar que possui suas especificidades, contrária a “educação sexual”, que é mais ampla porque “inclui *todo o processo informal* pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia (GTPOS, *apud* FURLANI, 2009, p. 42)”.

Reiteramos o uso da expressão, acima definida, com as especificações de FURLANI (2009), pois segundo a autora a *educação sexual* serve “para todo trabalho de discussão da sexualidade, com crianças, jovens e adultos, em todos os níveis de escolarização.” Ao que se refere a *orientação sexual*, de acordo com a autora, “o Brasil é o único país do mundo que utiliza essa expressão para se referir ao trabalho pedagógico/escolar de discussão da sexualidade”, o que demonstra um alerta no uso dos termos, pois de acordo com a autora, interlocutores de outras nacionalidades podem compreender isso como sendo um “direcionamento erótico-afetivo da sexualidade humana” (FURLANI, 2009, p. 44), e explica o medo dos professores ao tratar esse assunto nas escolas.

Entre estas definições, muitas vezes desconhecidas pelos próprios profissionais da educação, é comum um posicionamento, se não oposto, pelo menos neutro a respeito da abordagem de tais assuntos. E, isso se justifica o resultado do trabalho. No entanto, de acordo com Louro (1997, p. 81), “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”. A autora

menciona ainda que, pode-se estender a temática “à análise de Foucault, que demonstra o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos” (LOURO, 1997 *apud* MARTINS e CASTRO, 2016, p. 135). Isso faz com que sejam construídos os conceitos e o conhecimento a respeito da sexualidade, fazendo com que não haja surpresas e sim descobertas.

Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) são sujeitos historicamente considerados desviantes e estranhos, sendo assim negação da sociedade heterossexual. Uma realidade que faz com que muitos grupos LGBT vivam segundo Mott (2002, *apud* FACCO, 2009, s/p), “numa espécie de vácuo identitário e sob o efeito perverso da alienação, com baixa autoestima, e incapazes de ações afirmativas”. Neste aspecto, acredita-se que a escola é um dos lugares privilegiados para a discussão e problematização destes significados que excluem e estigmatizam estes sujeitos.

Embora presentes em todos os espaços sociais sendo eles escolas, mercado de trabalho, igrejas dentre outros, os indivíduos pertencentes ao grupo LGBT possuem um histórico social marcado pelo preconceito e marginalização, que faz com eles ainda tenham que lutar por direitos de cidadania básica.

Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou deveriam ser) heterossexuais [...]. Os outros, que fogem à norma, poderão, na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados, [...]; quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos. (LOURO, 2009, *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 897).

Desta maneira, abordar a temática é disseminar conhecimentos e respeito pela orientação de cada indivíduo. Com isso,

Essa presença da sexualidade independe da intenção manifestada ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “Educação Sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1999 *apud* CÁCERES, p. 19-20).

Para Leontiev (2004 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 895), “o trabalho, além de unir o ser humano à natureza, possibilita o desenvolvimento da consciência”. O autor acredita que a consciência com relação a objetos, ao trabalho e suas finalidades concretiza-se na linguagem, que é mediadora entre processos subjetivos

e ações humanas, possibilitando assim melhor aproveitamento perante a temática, sabendo que muitas vezes os integrantes do grupo LGBT sofrem hostilização da sociedade.

Dessa maneira, questões como a sexualidade humana, que é uma instância que vem sendo muito discutida para fins de desmistificação do assunto, tanto em meio escolar quanto no meio familiar envolvendo em um “contexto social de desejos, crenças, representações, valores, comportamentos, relações e identidades que são construídas e reformuladas ao longo do tempo” (WEEKS, 2007 *apud* SILVA e SANTOS, s/a). Nesse contexto Silva (2013, p. 20), afirma que “[...] a Orientação Sexual e a Sexualidade são garantias de todo cidadão e que a busca da Cidadania, da Sexualidade e do Respeito implica a discussão dos mesmos”. Dessa forma, “[...] a escola é o espaço também de crítica sobre a sexualidade estabelecida e o laboratório das novas significações e vivências” (NUNES, 1997 *apud* SILVA e SANTOS, s/a, s/p), pois ela “delineia e analisa com muita propriedade, as várias transformações pelas quais a sexualidade começou a passar nas proximidades do final do século XX” (GIDDENS, 1993 *apud* FALEIRO e ASSIS, 2017, s/p).

Muitas escolas acreditam que tratar da “orientação sexual ou identidade sexual” é realizar apenas uma atividade diferenciada uma vez por ano abordando a temática com enfoque preventivo de Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs, métodos contraceptivos ou aborto, caracterizando estigmas de cunho biológico como os que tratavam os médicos higienistas. Sabe-se da dificuldade de se trabalhar esse tipo de assunto, pois, implica na maioria das vezes, repensar posições, conceitos e pré-conceitos. Como aborda o Caderno de Sexualidade (2009):

[...] a educação escolar representa o caminho para o estabelecimento de uma Educação Sexual que visa, ao mesmo tempo que o respeito à livre orientação sexual em consonância com relações igualitárias de gênero, classe, raça/etnia, a construção de um ambiente pedagógico onde os conhecimentos científicos acerca deste assunto possam ser difundidos com domínio e propriedade (SEED/PR, 2009, p. 11).

Além disso,

Os professores de Ciências são, muitas vezes, os únicos profissionais, reconhecidos, como aptos a abordar temas relacionados à sexualidade com os alunos, por esse motivo, é importante investigar os sentidos atribuídos por esses profissionais à educação sexual e, conseqüentemente à orientação sexual. É imprescindível procurar entender ainda, como os alunos constroem esses entendimentos, como são influenciados socialmente, sobretudo no ambiente escolar e no ensino de Ciências (COELHO e CAMPOS, 2015, p. 895).

Enfim, aqui não se pretende esgotar esta discussão e análise, mas sim, instigar o debate, uma vez que a questão se torna polêmica devido as heranças culturais e a ausência de interesse pela formação continuada e/ou leituras que possam proporcionar novos conhecimentos. O que não pode acontecer é que os profissionais que trabalham com as disciplinas de ciências, continuem fechados para as mudanças contemporâneas e isso inclui os educandos. É preciso ter um novo olhar principalmente porque a diversidade sexual existente não apenas na sociedade, mas está presente muito fortemente no ambiente escolar.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa tem natureza qualitativa, que “caracteriza-se como um processo de interpretação e compreensão, não se contentando com a simples explicação das realidades” (ARAÚJO, OLIVEIRA e ROSSATO, s/a., p. 4). Como procedimento metodológico utilizou-se a pesquisa de campo que “é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2002, p. 53) e a bibliográfica como embasamento teórico, além da técnica de “grupo focal”. A coleta de dados foi feita com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, nas 1ª e 2ª séries do Ensino Médio e com os professores que ministram disciplinas de ciências e química de três Colégios Estaduais do município de Orizona e um Colégio Estadual de Urutaí, ambos do Estado de Goiás.

A pesquisa ocorreu em três etapas sendo que, a primeira, foi a coleta de assinaturas dos Diretores, Professores, alunos maiores de 18 anos e responsáveis pelos menores, no TCLE – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento. A segunda etapa foi a aplicação dos questionários para a coleta de dados e, na terceira e última etapa, realizou-se um encontro desenvolvendo os grupos focais (GF) com os alunos das turmas participantes.

A finalidade do GF é de promover a participação dos envolvidos e analisar os discursos e posicionamentos sobre o tema em foco, por isso, ao final foi aplicado um questionário aos estudantes. Durante o GF desenvolveu-se atividades diversas como o uso de imagens, confecção de painéis, debates e análise de vídeos, como forma de coleta de dados.

Como forma de preservar a identidade dos locais envolvidos na pesquisa, os Colégios localizados no município de Orizona-GO estão identificados como: “A”, “B”, “C” e, Colégio “D”, para o que está localizado em Urutaí-GO

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Dinis (2008, p. 479) “a partir de 1997 pesquisadores da área da Educação de importantes centros universitários do país, tem debatido temas como gênero e sexualidade através de uma visão culturalista, rompendo com o paradigma biologizante predominante”.

Essa mudança de paradigma nesse campo e o desenvolvimento de pesquisas nesta área só foram possíveis graças aos movimentos apresentados há décadas, conforme descreve Dinis (2008):

A inclusão do debate sobre a diversidade sexual e de gênero no espaço acadêmico ocorre desde os anos de 1970 graças à pressão de grupos feministas, gays e lésbicas que denunciaram a exclusão de suas representações de mundo nos programas curriculares das instituições escolares. Já no plano acadêmico internacional, esse movimento surgiu com os departamentos de Estudos da Mulher e, posteriormente, com os Estudos de Gênero e os Estudos Gays e Lésbicos, em algumas das universidades americanas, sempre no esforço de criar alternativas e formas de resistências aos sintomas de sexismo, machismo e homofobia e, ao mesmo tempo, fazendo com que tais temas pudessem ser abordados também nas pesquisas acadêmicas (DINIS, 2008, p. 479).

Mesmo que no campo acadêmico, essas discussões tivessem começado timidamente, atualmente é imprescindível sua abordagem, principalmente porque em 1996,

[...] o MEC incluiu a temática, como tema transversal, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs, a nova diretriz para a educação do País). Vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano a associação ao prazer e à vida (LOURO, 2018, s/p).

Percebe-se que não é recente a inserção desse tema na educação, o que não justifica a falta de preparo desses profissionais para trabalhá-la no âmbito escolar. Essas lacunas acabam se tornando um agravante na formação e construção da identidade do aluno adolescente, pois,

É comum entre as/os profissionais da educação um posicionamento, se não oposto, pelo menos neutro a respeito da abordagem de tais assuntos. E isso se justifica pela falta de conhecimento, pelos valores arraigados e/ou pelo

receio de que o resultado do trabalho seja interpretado negativamente (SANTOS, 2008, p. 1).

Desta maneira, a abordagem sobre orientação sexual e/ou sexualidade, tanto para professores quanto para alunos, torna-se imprescindível para a construção da cidadania e do respeito às diferenças e esse é um dos fortes motivos para estar presente no processo de formação continuada dos profissionais, em especial da área de ciências.

Percebe-se, a partir dos resultados obtidos que a aperfeiçoamento durante a carreira profissional é imprescindível para o enfoque correto do que é ministrado.

Se observarmos a formação dos professores em relação a área de atuação, especificado na tabela 1, verifica-se que as disciplinas ministradas nem sempre correspondem a área de formação, tornando-se um agravante, uma vez que, ainda há divergência de opiniões ao se tratar da orientação sexual como conteúdo programático (nas aulas de ciências e biologia) ou como tema transversal, perpassando por todas as disciplinas (JARDIM e BRÊTAS, 2006). Assim, para uma visão geral, apresenta-se o quadro geral de professores por Colégio.

Tabela 1: Área de formação e atuação dos professores dos Colégios “A, B, C, D” – Orizona e Urutaí-GO.

Professores por Colégio				Área de formação	Área de atuação
A	B	C	D		
2				Letras	Língua Portuguesa Língua Espanhola Biologia
2				Pedagogia	Língua Portuguesa Língua Inglesa Coordenação Pedagógica
1				Geografia	Geografia Matemática
		1		Geografia e Matemática	Ciências (Ens. Fund. II)
1			2	Matemática	
1				Química	Química Ciências (Ens. Fund. II) Física
	1				Química
	1			Biologia	Biologia

FONTE: Questionário 1/2017

Como demonstrado acima, no Colégio “A” as disciplinas de Biologia, Língua Portuguesa e Inglesa e Matemática são ministradas por professores sem formação específica.

Assim como no Colégio “A”, o professor de ciências do Colégio “C”, que atua no Ensino Fundamental II na disciplina de ciências, não é formado na área, o que dificulta a abordagem sobre a temática. Segundo o professor, “raramente trabalha” algum tema sobre “orientação e/ou diversidade sexual” na sua disciplina, pois “no colégio há preconceito contra o grupo LGBT, mas que os casos estão diminuindo”. Ao ser perguntado se presenciou alguma situação de preconceito e como havia agido, respondeu: “tento conversar com os alunos por forma de debates sobre o respeito da diversidade, ressaltando a individualidade e a escolha de cada indivíduo”¹ (PROFESSOR 3). Neste caso, observa-se a divergência no relato do professor. Mesmo não respondendo claramente sobre ter presenciado algum ato discriminatório, afirma promover debates. Porém, afirma anteriormente, não “trabalhar” o assunto em sala, o que pode reforçar o preconceito existente no ambiente escolar. Os dados dos docentes de ciências do Colégio “D” apontam apenas um professor de ciências que ministra aulas do 6º (sexto) ao 9º (nono) ano, conforme descrito na tabela 1. Esse professor também não possui formação na área de atuação. Em relação a abordagem da temática, menciona não trabalhar devido a falta de coerência com os conteúdos ministrados.

Ao nos referirmos sobre os casos de preconceito contra o grupo LGBT, respondeu “nunca” ter presenciado e complementa dizendo que, “se houver relatos ou presenciar algum tipo de represália contra o grupo tentarei intervir de melhor forma possível” (PROFESSOR 4).

Ao contrário do que foi constatado nos Colégios A C e D, o Colégio “B” apresenta um quadro de professores com formação na área de atuação, ou seja, habilitados para ministrar as disciplinas de biologia e química nas turmas de 1ª a 3ª série do Ensino Médio. Esse fator torna-se um diferencial para a qualidade do ensino, uma vez que, “[...] o professor deverá saber fazer relações significativas entre os conhecimentos especializados que adquiriu no curso de formação de nível superior e

¹ Manteve-se a transcrição de acordo com o relato original da entrevista.

as informações das demais áreas ou disciplinas do currículo da educação básica [...]” (MELO, 2000, p. 105).

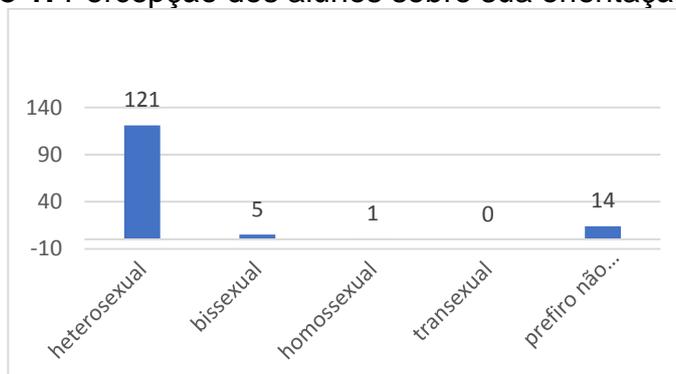
Segundo os professores deste Colégio, assim como no Colégio “C”, há preconceito contra o grupo LGBT, apesar de estar diminuindo gradativamente. De acordo com a professora de biologia, “quando há percepção de algum preconceito contra o grupo, procuro conversar diretamente com os estudantes na busca de acabar com a forma de represália” (PROFESSOR 1). Já a professora de química diz não ter presenciado nenhum acontecimento de preconceito, complementando também que não trabalha o assunto em sala de aula (PROFESSOR 2).

Observa-se que, mesmo para os professores com formação na área de atuação, quando o assunto é “orientação sexual” sentem-se receosos em abordá-lo. Por esse motivo, mesmo quando tratado no contexto das disciplinas acontece de forma superficial e com restrições, por isso:

No que se referem à sexualidade, as discussões sejam talvez as mais polêmicas por envolverem muito mais que conceitos científicos diversos: referem-se, muitas vezes, a conceitos dogmáticos, especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores, que, aliados a uma formação incipiente por parte das/os educadoras/es, gera a apropriação de um currículo que geralmente ignora, trata com superficialidade ou desconsidera tal perspectiva. (SEED/PR, 2008, p. 21).

Quanto aos resultados obtidos, a partir dos questionários aplicados aos alunos, sobre a percepção em relação a sua orientação sexual, preconceito e as abordagens realizadas nas disciplinas de ciências, apresenta-se o seguinte no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Percepção dos alunos sobre sua orientação sexual



FONTE: Questionário discente 1/2017.

Percebemos no Gráfico 1 o número expressivo de heterossexuais 121 (cento e vinte e um), 5 (cinco) bissexuais, 1 (um) homossexual, nenhum transexual. Dos alunos participantes, 14 (quatorze) preferiram não responder.

Apesar dos esclarecimentos sobre o sigilo dos dados, se nota o receio dos alunos em responder o questionário interferindo nos resultados obtidos. Gil (2002), quando trata da *ênfase nos aspectos perceptivos* de uma pesquisa, diz que:

Os levantamentos recolhem dados referentes à percepção que as pessoas têm acerca de si mesmas. Ora, a percepção é subjetiva, o que pode resultar em dados distorcidos. Há muita diferença entre o que as pessoas fazem ou sentem e o que elas dizem a esse respeito [...] em muitos casos, são insuficientes para sanar os problemas considerados (GIL, 2002, p. 51-52).

Além disso, segundo Coelho (2015),

Ao indicarem a norma e seus desvios, os significados sobre sexualidade levam muitos indivíduos a buscarem um padrão socialmente aceito como normal, fazendo-os perderem uma visão aberta e dinâmica com relação à sua própria sexualidade. Esta vigília constante pode impedir que as pessoas percebam como seus corpos e suas vivências afetivas e sexuais são controlados e influenciados por significações compartilhadas, muitas vezes, de forma “natural” ou imperceptível, em diversos contextos sociais (COELHO, 2015, p. 285).

Por mais que tivessem uma preparação prévia para o desenvolvimento da pesquisa, pelo fato de não estarem familiarizados com o tema e, dado os aspectos culturais e morais, torna-se difícil que os próprios sujeitos se reconheçam de fato.

Neste caso, ao tratarmos de jovens e adolescentes, não faz-se juízo de valor de veracidade das respostas, mas sim, utiliza-se as mesmas como um parâmetro para analisar essa percepção de si mesmos verificando a maneira com que os profissionais lidam com isso, pretendendo não resolver o problema do preconceito e da falta de abordagem na escola, mas sim, despertar os indivíduos para a reflexão.

Estes fatores reforçam a necessidade de se problematizar os significados relacionados à sexualidade que permeiam as práticas e discursos escolares, com intuito de esclarecer e sugerir conceitos básicos sobre a orientação sexual, para não “deixar o preconceito falar, mesmo considerando a boa intenção científica ou moral” (SOUSA FILHO, 2009 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 907).

Neste sentido, os “significados machistas e heteronormativos levam a uma maior vigilância das identidades masculinas, que são denunciadas a qualquer deslize que afaste o homem do padrão heteronormativo instituído, legitimando significados que parecem estigmatizar e excluir e excluir mais gays do que lésbicas (LOURO, 2000 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 902).

Apesar de a autora enfatizar a exclusão em maior escala de homossexuais, neste caso, os resultados apontam o preconceito contra “todo o grupo LGBT”, o que demonstra o preconceito oculto já estabelecido. Esse resultado pode ser visto no gráfico 1, abaixo descrito.

Gráfico 2: Atos de preconceito contra o grupo LGBT na escola



FONTE: Questionário discente 1/2017.

Verifica-se que ainda há muito preconceito na escola, 75 (setenta e cinco) dos alunos marcaram que o preconceito contra o grupo LGBT ainda prevalece enquanto maioria. Além disso, 37 (tinta e sete) alunos marcaram a opção “quase não há mais preconceito”, 26 (vinte seis) afirmaram que “não há preconceito” e, por fim, 3 (três) não se declararam.

A discriminação contra o grupo LGBT.

[...] é um fenômeno estruturante das relações entre indivíduos e, também, da própria dinâmica social e cultural, estando presente em todos os seus âmbitos: na família, no sistema educacional, na legislação, no sistema de saúde, no sistema judicial, na polícia, etc. (JUNQUEIRA, 2009 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 898).

Por esse motivo o papel da escola é tentar mudar este cenário, uma vez “[...] que a escola é um lugar privilegiado para a discussão e problematização de significados que excluem e estigmatizam estes sujeitos” (COELHO e CAMPOS, 2015, p. 895).

A relevância destas discussões é imprescindível, principalmente porque nem sempre os outros segmentos estão dispostos a isso.

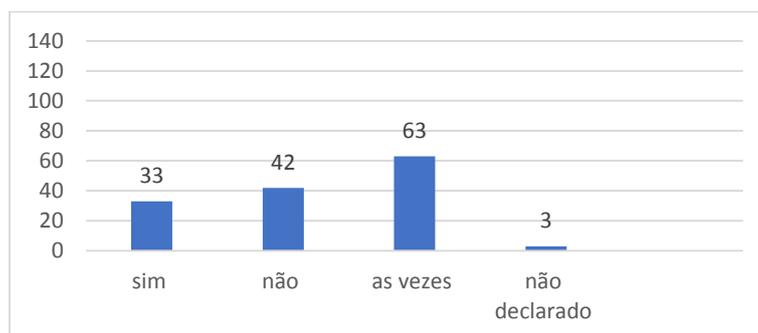
[...] a família, com o seu silêncio ou discursos repressores e confusos; a igreja, com seus valores dogmáticos; a escola, pela sua omissão de responsabilidade na formação do ser humano; os meios de comunicação, com a exacerbação e banalização de sentimentos, e pela mercantilização do corpo humano, do afeto e do sexo, são algumas das instâncias que mais

interferem na formação da concepção de sexualidade no indivíduo. (MARIUZZO, 2003, p. 27 *apud* COELHO & CAMPOS, 2015, p. 897).

Por esse motivo, falar sobre orientação sexual e/ou sexualidade é disseminar respeito, reconhecendo que a escola é um local de diversidade.

Ao ser analisado se essa abordagem é realizada no contexto das disciplinas obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 3: Abordagem sobre diversidade e orientação sexual nas disciplinas de ciências



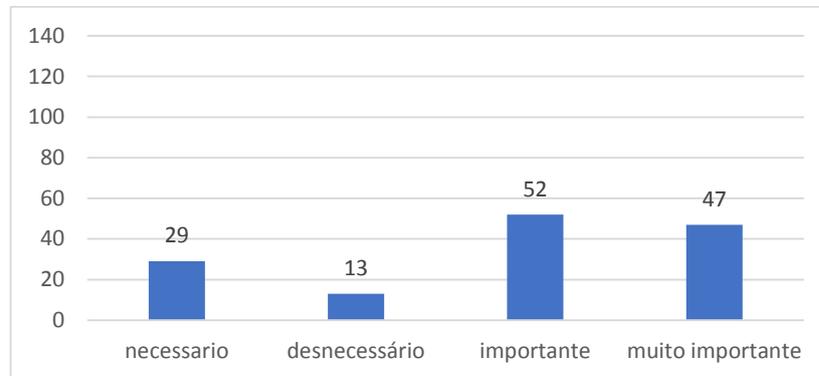
FONTE: Questionário discente 1/2017.

Dos 141 (cento e quarenta e um) questionários respondidos pelos alunos sobre o alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II e das 1ª e 2ª séries do Ensino Médio que responderam os questionários sobre o desenvolvimento da abordagem da “diversidade e orientação sexual” nas disciplinas de ciências da natureza, 63 (sessenta e três) disseram que os professores trabalhavam “às vezes”, 42 (quarenta e dois) disseram que os professores “não trabalham”, 33 (trinta e três) responderam que “sim” que os professores abordam o tema e 3 (três) “não declararam”.

Como apontam os resultados, a maioria desses professores está, de alguma maneira, abordando o assunto. Todavia, se levarmos em consideração os resultados de preconceito contra o grupo LGBT, apresentados anteriormente, esses resultados não explicam os atos e posicionamentos preconceituosos existentes na escola.

Observa-se que, mesmo que o preconceito permeie os colégios, apontam a importância de se discutir sobre o assunto.

Gráfico 4: Avaliação da importância do tema no colégio



FONTE: Questionário discente 1/2017.

As respostas apontam que 52 (cinquenta e dois), acham “importante” tratar do assunto no colégio; 47 (quarenta e sete) responderam ser “muito importante”, 29 (vinte nove) “necessário” e, por fim, 13 (treze) veem o assunto como “desnecessário”. Conforme mostra o levantamento, os alunos conseguem visualizar a necessidade destes enfoques não apenas nas disciplinas, mas no ambiente escolar, o que demonstra a pertinência do repensar das práticas. Outro fator é que, nem sempre os professores conseguem visualizar que o silêncio acaba, em muitos casos, em mascarar o preconceito existente deixando-os incapazes de ver o que acontece com o alunado.

Partindo então, dos resultados apresentados a partir dos questionários semiestruturados que foram aplicados aos alunos dos Colégios A, B, C e D, dos municípios de Orizona e Urutaí – Goiás, foi aplicada a última etapa da pesquisa que consiste no desenvolvimento dos Grupos Focais (GF).

3.1 DESENVOLVIMENTO DOS GRUPOS FOCALIS (GFs)

Morgan (1997 *apud* GONDIM, 2003, p. 151) define grupos focais (GF) como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também, como um “recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de

grupos humanos” (VEIGA e GONDIM, 2001 *apud* GONDIM, 2003, p. 151). Esta técnica foi desenvolvida com a finalidade de analisar os discursos dos alunos.

A partir do agendamento nos colégios e a coleta das assinaturas dos TCLE os materiais específicos para o desenvolvimento da técnica foram organizados. Como registro da aplicação dos grupos focais, foram utilizados: filmadora, máquina fotográfica e gravador para captar melhor as falas durante as atividades. O colégio “A”, no município de Urutaí-GO., foi o primeiro local a se grupo focal. A atividade contou com a participação dos alunos do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e também de alguns professores. Posteriormente, o GF foi desenvolvido nos colégios “B, C e D”, no município de Orizona-GO. Exceto em um dos Colégios de Orizona, o GF foi desenvolvido no auditório com todos os alunos do Ensino Médio. Nos demais Colégios, as atividades coletivas formaram-se com series separadas. Nestes momentos os alunos puderam expor claramente qual a percepção a respeito da sexualidade; dividindo experiências e fazendo relatos de histórias vivenciadas por eles mesmos.

No decorrer dos GFs, foram desenvolvidas dinâmicas de sensibilização, integração e percepção de si mesmos, visando tanto a preparação para as demais atividades como busca pela identidade de cada um. Ao final, foram aplicados questionários como forma de registro e avaliação do processo.

Durante os GFs, os alunos foram desafiados a comentar alguns painéis previamente elaborados, contendo definições, frases, relatos e perguntas sobre orientação sexual e diversidade sexual. Neste momento, os alunos se posicionaram mencionando o que compreendiam e/ou expondo suas dúvidas sobre o contexto. Como forma de analisar o impacto nos discursos sobre assuntos relacionados a orientação sexual e preconceito, utilizou-se documentários com reportagens sobre a violência contra integrantes do grupo LGBT e imagens. A respeito disso, podemos citar algumas falas dos alunos.

- Pra min tem que ser homem com mulher e mulher com homem (ALUNO C, ESCOLA D).
- Podem sim mudar, sendo homem depois virando gay (ALUNO D, COLÉGIO D)
- Isso é uma escolha do ser humano (ALUNO A, COLÉGIO D).²

²As falas dos alunos foram transcritas da mesma maneira que constam nos questionários, inclusive com erros ortográficos.

No início do desenvolvimento do GF, verificou-se que alguns alunos não estavam à vontade, mas, mesmo que a participação não fosse obrigatória, optaram em permanecer no local. Apesar de timidamente, participaram das atividades propostas e acabaram se envolvendo plenamente no decorrer das etapas do GF. A técnica, proporcionou um momento de liberdade de expressão, tanto por parte dos alunos quanto por professores. Demonstraram ter encontrado no GF uma forma de externar as angústias, expor suas experiências e percepções sobre a temática e demais situações enfrentadas, na escola e na vida. À exemplo disso, uma das professoras relata situações de preconceitos enfrentadas devido sua gagueira, comparando-a com as formas de preconceito ao grupo LGBT. Em suas colocações menciona “como eu sofri, mais nunca me deixei abalar, falta pouco pra que eu me aposente e sei que se cheguei até aqui, eu já sou uma guerreira” (PROFESSORA A, Colégio “A”). Mesmo que o tema discutido fosse sobre orientação sexual, percebe-se que não é só essa área que precisa ser cuidada e trabalhada na escola. A escola deve ser compreendida como espaço social de formação, voltada para a vida coletiva, afastando as polêmicas e os conflitos. Contrário a isso, muitas escolas “entendem que é papel exclusivamente da família se ocupar da educação das crianças e adolescentes” (LOURO, 1998 *apud* FERNANDES, 2017, p. 5). A partir da fala da Professora “A”, os alunos perceberam que o respeito às diferenças ocorre de todas as formas e, quando se trata do grupo LGBT não deve ser diferente.

Dentre as atividades realizadas foram desenvolvidas conversas direcionadas por eixos temáticos onde alguns alunos puderam se expressar, posicionando-se de acordo com os conhecimentos que tinham sobre o assunto. Nesse sentido, “[...] vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano a associação ao prazer e à vida” (LOURO, 2008, *apud* MARTELLI, s/a, p. 2).

Além dos debates nos GFs, foram elaborados painéis, construídos pelos próprios alunos contendo os conceitos elaborados sobre a sexualidade e orientação sexual, bem como os fatores que os norteiam, como apresentado nas figuras a seguir.

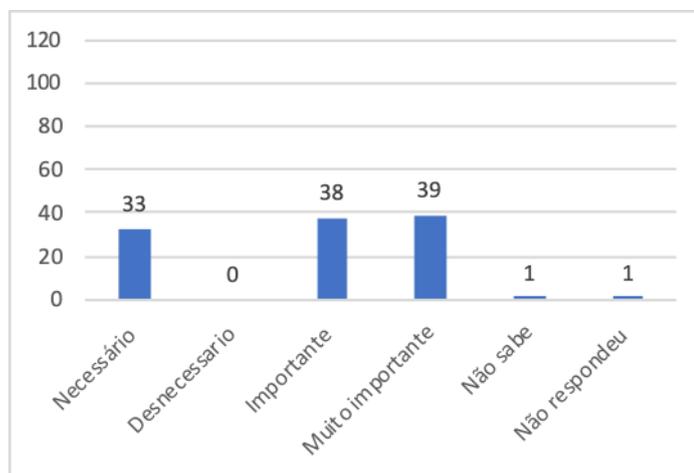
Figura 1: Painéis desenvolvidos nos grupos focais



FONTE: Dos autores.

Estes painéis foram confeccionado pelos alunos entrevistados e apresentados, servindo de objeto de análise sobre as ideias e concepções construídas a partir dos GFs. Após o término desta etapa, os participantes responderam um questionário avaliativo sobre todos os procedimentos realizados nos GFs.

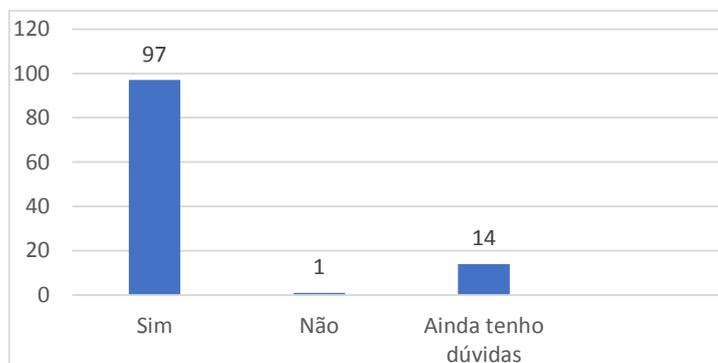
Gráfico 5: Avaliação dos Grupos Focais (GFs)



FONTE: Questionário discente 2/2017.

No gráfico 1, estão dispostas as avaliações do desenvolvimento dos grupos focais. Foram 77 (setenta e sete) que afirmaram ter sido “importante e muito importante”, 33 (trinta e três) “necessário”, 1 (dois) “não soube responder”, apenas 1 (um) marcou a alternativa “não sabe”. Houve uma grande participação dos alunos perante a pesquisa, tendo grande aproveitamento.

Gráfico 6: Esclarecimentos sobre o assunto “orientação sexual” a partir do GF



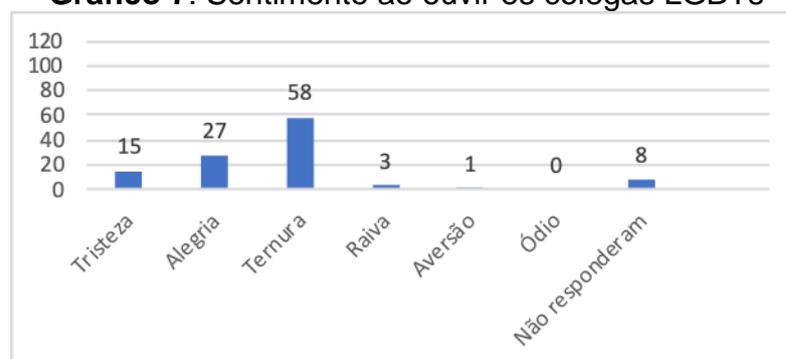
FONTE: Questionário discente 2/2017.

Partindo dos resultados, que foram muito favoráveis, e de acordo com Martins (2007 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 894) “os sentidos são construídos em relação com os significados, podendo reforçar e manter significações existentes ou propor novos entendimentos”.

É notório o medo dos sujeitos, pertencentes ao grupo LGBT, perante a sociedade. Esse posicionamento é visto através das brincadeiras, chacotas, e outros tipos de repressão que podem ocultar sua verdadeira percepção e isso é demonstrado no relato de um dos alunos: “Sou gay, mais tenho medo de assumir” (ALUNO B, ESCOLA A). “A repressão sexual ocorre de maneira velada, pois a dominação dos corpos e sexualidades se dá por mecanismos complexos de vigilância e normatização, por meio da produção e da inscrição da sexualidade, e não pela sua negação e proibição” (BRAGA, 2008, p. 28 *apud* COELHO e CAMPOS, 2015, p. 896).

Em relação ao sentimento de convivência e interação com os diversos sujeitos, o gráfico 2 apresenta abaixo os diversos posicionamentos.

Gráfico 7: Sentimento ao ouvir os colegas LGBTs

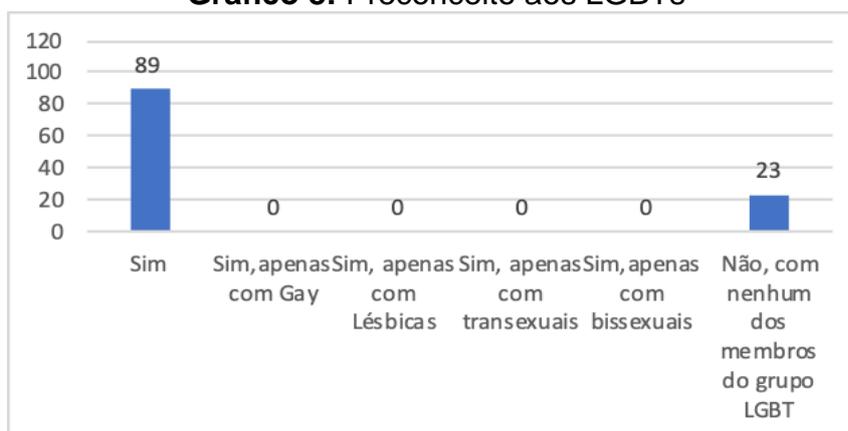


FONTE: Questionário discente 2/2017.

Os índices acima, demonstram como o exercício de “ouvir” faz com que os sentimentos mudem. No início da pesquisa, permeava um sentimento de aversão e rejeição aos LGBTs, que após ouvirem os colegas, esses sentimentos se modificaram. A maioria expressou sentir “ternura”, enquanto apenas 3 possuem “raiva” e 1 “aversão”. Estes últimos resultados reiteram que, o trabalho de conscientização, esclarecimento e produção de conhecimento é o caminho para erradicar ou, pelo menos, diminuir o preconceito a fim de promover a auto aceitação. Mas, isso não acontece em um momento apenas. Mesmo que não estejam totalmente familiarizados com debates sobre esse assunto a maioria dos alunos mencionaram sentir-se bem ao ouvir os colegas. Segundo Coelho e Campos (2015, p. 897), “embora presentes em todos os espaços sociais, os indivíduos LGBT possuem um histórico social marcado pelo preconceito e marginalização, que faz com eles ainda tenham que lutar por direitos de cidadania básicos” e, no entendimento dos colegas, a partir do GF, essa postura é um ato de coragem, fazendo-os fortes.

No gráfico 3, a seguir, apresenta-se o resultado de uma questão ligada a diminuição do preconceito a partir de debates e demais atividades. Como resposta obteve-se os seguintes quantitativos:

Gráfico 8: Preconceito aos LGBTs



FONTE: Questionário discente 2/2017.

Verifica-se nesse aspecto, que os indivíduos que discriminam, o fazem com qualquer um que não seja heterossexual. De acordo com Quirino & Rocha (2012),

Uma forma de discriminação [...] consiste em designar o/a outro/a como inferior, contrário ou anormal, de modo que sua diferença o/a coloca em situação de abjeto; pode ser também entendida como uma aversão social e coletiva a tudo aquilo que aparente ser homossexual, traduzida em forma preconceituosa de tratamento dispensada aos homossexuais (QUIRINO & ROCHA, 2012, p. 214).

É notório que com a problematização do assunto na escola, os alunos supostamente tendem a habituar-se com a discussão, com isso, se espera uma diminuição dos preconceitos.

[...] dentro do espaço escolar, as abordagens educacionais sobre a homossexualidade são apáticas, tendem a considerá-la uma anomalia, o amor homossexual não é discutido, está centrada na descoberta de estereótipos e, dessa forma, a ordem hierárquica é mantida por meio de um discurso de tolerância que reforça a intolerância (BRITZMAN, 2009 *apud* QUIRINO & ROCHA, 2012, p. 215).

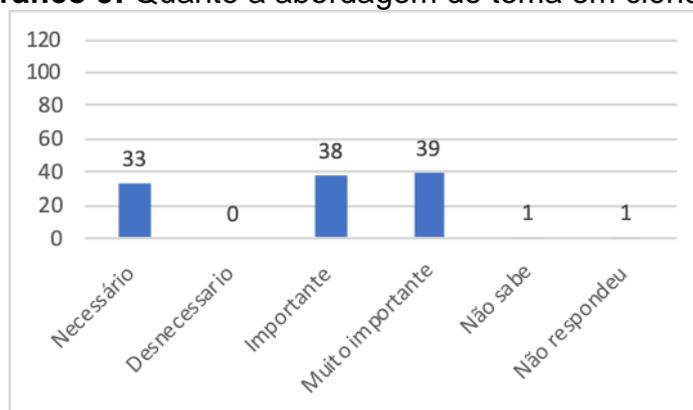
Vygotsky (2000) indica ainda, que a unidade fundamental dessa relação é o significado da palavra, por ser um fenômeno da linguagem e do pensamento. As palavras relacionam-se dialeticamente com os pensamentos, tendo os significados como eixo unificador desta relação. Por esse motivo que Camargo (2007 *apud* LIMA, 2018, p. 49) “ratifica a necessidade de profissionais capacitados para trabalhar com educação sexual, pois, considerando que na sala de aula temos diversos conceitos, contextos e experiências [...]”. Essa diversidade não está mencionada nos currículos escolares, conseqüentemente, proporcionam ao professor situações diversas e inusitadas que requerem conhecimentos, dentre eles, sobre a sexualidade.

É inegável, que com pesquisas e atividades que promovam novos conhecimentos para os alunos de tal modo, que possa ser possível diminuir a discriminação. Para Vygotsky (2000), os significados são generalizações das apropriações feitas historicamente pela humanidade, refletindo, portanto, um entendimento que não está preso à realidade concreta imediata, mesmo surgindo a partir da relação entre ser humano e mundo objetivo.

Nesse aspecto, o debate acerca da diversidade e orientação sexual deve fazer parte de todas as instâncias, tais como: família, igreja, escola, dentre outras. Apesar de sabermos que o assunto gera tensões, principalmente por estarmos em uma sociedade “hegemonicamente, branca, masculina, heterossexual e cristã” (LOURO, 2008 *apud* QUIRINO & ROCHA, 2012, p. 214) é necessário, pois, “esse caráter polêmico pode estar vinculado à discussão atual da homofobia” (QUIRINO & ROCHA, 2012, p. 214) e deve ser combatido.

O reconhecimento, aceitação e consciência de que ações que promovam essas discussões torna-se imprescindível quando vindas dos alunos. A aprovação deste tipo de trabalho está especificada no gráfico 4.

Gráfico 9: Quanto a abordagem do tema em ciências



FONTE: Questionário discente 2/2017.

A aceitação e reconhecimento que a abordagem do tema deve estar presente na escola/sala de aula é explicitada pela maioria dos alunos. Foram 39 (trinta e nove) alunos que acharam “necessário”, 33 (trinta e três) “necessário”, 38 (trinta e oito) “importante”, 1 (um) “não sabe” e “não respondeu” e nenhum aluno disse ser “desnecessário” o tema. Com isso, percebe-se que a aceitação desse assunto é favorável nas disciplinas de ciências e deve ser tratado sem medos.

Sabe-se que a escola é ideal para tratar de assuntos socioculturais, uma vez que, “a escola se constitui como um dos espaços propícios para que ocorra o desvelamento de contradições do mundo objetivo, podendo levar a novas ações e relações que busquem alterar e problematizar ideias cristalizadas e aceitas socialmente” (COELHO, 2014, p. 30) e pode desconstruir isso à medida que forma sujeitos capazes de respeitar e aceitar as diferenças.

4. CONCLUSÃO

É notório que cada escola tem suas especificidades, mas, de forma geral, todas possuem problemas em comum. Gerar reflexões sobre a temática orientação sexual e diversidade sexual não foi uma tarefa fácil. Em ambientes formais, compostos por diferentes culturas, gerações e tabus concluiu-se que as concepções pré-estabelecidas acabam por ser um empecilho para que os indivíduos ajam com naturalidade. Verificou-se o comportamento retraído dos alunos e a insegurança nas respostas dos questionários. O medo da repressão seja dos colegas, professores e até mesmo da família, estava presente o tempo todo. Outro aspecto que nos leva a concluir isso, foram os posicionamentos contra qualquer tipo de orientação que não fosse a heterossexual.

A partir dos resultados apontados pela pesquisa, conclui-se que um dos aspectos que impedem esse tipo de trabalho é a falta de formação na área de atuação dos professores. O corpo docente, “necessita estar preparado para implementar o processo educativo na construção dessa cidadania. Isto indica que os/as interlocutores/as da ação pedagógica, de modo especial, os/as professores/as precisam de embasamento teórico e didático coerentes com as demandas sociais dos/as estudantes” (QUIRINO & ROCHA, 2012, p. 207). Outro aspecto conclusivo foi ver que, mesmo a escola estando disposta a permitir que ações e debates aconteçam com mais frequências, o tema ainda permanece restrito às ciências biológicas devido a sua relação biológica com o curso. Além disso, com a aplicação dos questionários e o desenvolvimento do grupo focal, fica evidenciada a falta de conhecimento dos alunos tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio. As intervenções demonstram apenas o conhecimento empírico dos alunos sobre os temas que envolvem a “diversidade sexual” e isso ocorre não pela de diálogo, pois, verificou-se

que os professores abordam o tema, mas pela forma com que o assunto é abordado no contexto das disciplinas de ciências. Essa abordagem nos remete a percepção dos alunos sobre o grupo LGBT, uma vez que muitos se mostraram, mesmo que minimamente, preconceituosos. Nesse aspecto e referindo-nos ao tema, “não se pode tratá-la ao nível do senso comum, expondo concepções superficiais e pessoais como verdadeiras, acabadas, adotando seus valores como universais, enfim, abordando a sexualidade de maneira simplista, primária e, sobretudo, empírica” (JARDIM & BRÊTAS, 2006 *apud* QUIRINO & ROCHA, 2012, p. 208), isso gera insegurança distorcendo a busca da construção de sentidos que aceitem e respeitem os sujeitos LGBT.

Ao chegar ao objetivo principal desta pesquisa que foi o de problematizar, verificar e analisar a percepção dos alunos, bem como os sentidos atribuídos pelos professores de ciências, conclui-se que ainda há muito a ser feito. A percepção dos alunos sobre o que realmente trata o assunto ainda é muito vaga e superficial. Além disso, ainda não conseguem uma afirmação de si mesmos, por esse motivo, destacamos que cada pessoa, inclusive o professor tem um papel primordial e responsabilidade na orientação dos adolescentes. Quanto aos professores, percebem a necessidade da abordagem, mas, ainda estão presos aos fatores biologizantes. Então, este assunto não se esgota aqui, apenas se inicia.

É preciso motivar os professores e alunos por meio de discussões sobre a temática diversidade sexual, promovendo uma quebra de paradigmas e, para isso, “pode-se estimular reflexões individuais e coletivas que possam contribuir para a minimização de ações discriminatórias e preconceituosas” (QUIRINO & ROCHA, 2012, p. 208).

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cláudio Márcio de. OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. ROSSATO, Maristela. **O sujeito na pesquisa qualitativa: Desafios da investigação dos processos de desenvolvimento.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 33, pp. 1-7.

ASBAHR, 2011 *apud* COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

BRAGA, 2008 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

BRITZMAN, 2009 apud QUIRINO, G. S.. ROCHA, J. B. T. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR.

CAMARGO, 2000 apud LIMA, Lorena Carvelo e Silva. **Educação sexual nas políticas educacionais: um estudo na rede estadual de ensino de Aparecida de Goiânia. Dissertação (mestrado)**, 119f. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Goiânia - 2018. Disponível em:

<<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiBy5SGIIHIAhXvFLkGHTedCqYQFjADegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Ftede2.pucgoias.edu.br%3A8080%2Fbitstream%2Ftede%2F4033%2F2%2FLORENA%2520CARVELO%2520E%2520SILVA%2520LIMA.pdf&usq=AOvVaw1Y2TwwEVxNYQlvpoAnmrz5>> Acesso em: 10/08/2018.

COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

COELHO, Leandro Jorge. **Diversidade sexual e Ensino de Ciências: buscando sentidos. Dissertação (mestrado)**, 155f. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências, Bauru, 2014. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiAksTCmIHIAhVmGrkGHTk4DBsQFjABegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Frepositorio.unesp.br%2Fbitstream%2F11449%2F110899%2F1%2F000795239.pdf&usq=AOvVaw3Squ9VFrlBOIP3N_zx4C-y Acesso em: 20/09/2018.

DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual. Educação & Sociedade.** Campinas, 2008.

GIDDENS, 1993 apud FALEIRO, Wender. ASSIS, Maria Paulina de. **Ciências da natureza e formação de professores: entre desafios e perspectivas apresentados no CECEIFOP 2017.** 1. Ed. Jundiaí -SP: Paco, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GTPOS apud FURLANI, Jimena (UDESC). **Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: SEED/PR. Caderno de Sexualidade. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação.** Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – PR., 2009. p. 37-47.

JARDIM & BRÊTAS, 2006 apud QUIRINO, G. S.. ROCHA, J. B. T. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR.

JARDIM, Dulcilene Pereira. BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira** – SP. Rev. Bras. Enferm., 2006, mar-abr; 59(2): 157-62.

JUNQUEIRA, 2009 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

LEONTIEV, 2004 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

LOURO, 1997 apud KRAICZEK, Francieli Lubina. **Representações de gênero e (trans)sexualidade em contos infantis: a princesa e a costureira e joana princesa**. UEPG. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiNg43P_vXkAhWLEbkGHYxrDzIQFjAAegQIABAC&url=https%3A%2F%2Fproceedings.science%2Fproceedings%2F107%2F_papers%2F63096%2Fdownload%2Ffulltext_file1&usq=AOvVaw2hQtz11kh8vrdAgO9x0gqR> Acesso em: 30/07/2018.

LOURO, 1997 apud MARTINS, Rone Rosa. CASTRO, Raimundo Márcio Mota de. **Diversidade sexual e de gênero no contexto escolar: conceitos, políticas públicas e função da escola**. Revista Profissão Docente Uberaba, v. 16, n. 34, p. 128-138, Fev.-Jul., 2016.

LOURO, 1998 apud FERNANDES, Maria da Solidade Teixeira. **Educação, sexualidade e gênero: qual o olhar perceptivo da escola municipal Joaquim Dias Guimarães, sobre seus alunos?** Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista, Bahia. v. 6, n. 6, p. 3070-3086, 2017.

LOURO, 1999 apud CÁCERE, Gladimar Mariano. **Educação, sexualidade e gênero na educação infantil: uma articulação possível e necessária**. Diálogos Educ. R., Campo Grande, MS. v. 2, n. 2, p. 15-31, novembro, 2011.

LOURO, 2000 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

LOURO, 2008 apud QUIRINO, G. S.. ROCHA, J. B. T. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR.

LOURO, 2008, apud MARTELLI, Andréa Cristina. **Imaginários de sexualidade**. Tavessias Ed. 08. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwj7vdeJy_jkAhUtE7kGHdXBDZ0QFjABegQIABAC&url=http%3A%2F%2Frevista.unioeste.br%2Findex.php%2Ftravessias%2Farticle%2Fdownload%2F3614%2F2866&usq=AOvVaw2XW2SmUaFWVvzFrGuOWuE8> Acesso em: 10/06/2017.

LOURO, 2009 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho.** 3. rev.amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MAC NA GHAILL, 1996 apud LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARIUZZO, 2003 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos.** Ciênc. Educ., Bauru. v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

MARIUZZO, T. **Formação de professores em orientação sexual.** Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista 2003.

MARTINS, 2007 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

MELO, Guiomar Namó de. **Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical.** São Paulo em Perspectiva, 14(1) 2000.

MORGAN, D., 1997 apud GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos.** Paideia, 2003, 12(24), 149-161.

MOTT, 2002 apud FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na literatura infanto-juvenil.** São Paulo: Summus, 2009.

NUNES, 1997 apud SILVA, Liza Manuela Martins e. SANTOS, Sandro Prado. **Sexualidade e Formação Docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia.** FACIP/UFU. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjH3-zG1PbkAhWkILkGHVodDU0QFjABegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.nutes.ufrij.br%2Fabrapec%2Fviiienpec%2Fresumos%2FR0835-1.pdf&usq=AOvVaw0tldIKinXGshmn1VkqgiVz>> Acesso em: 25/06/2018.

QUIRINO, G. S.. ROCHA, J. B. T. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. **Sexualidades e gêneros: questões introdutórias.** Fazendo gênero 8 – Corpo, violência e poder. PPGE/UFPR. Florianópolis. 2008. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uac>>

[t=8&ved=2ahUKEwi_IMvqnffkAhVPGbkGHTvIBbQQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fwww.fazendogenero.ufsc.br%2F8%2Fsts%2FST40%2FDayana_Brunetto_Carlin_dos_Santos_40.pdf&usq=AOvVaw03bni4DIRiPz2f-Vkng4fd](http://www.fazendogenero.ufsc.br/f8/fsts/FST40/Dayana_Brunetto_Carlin_dos_Santos_40.pdf)> Acesso em: 10/07/2017.

SEED/PR. **Caderno de Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – PR., 2009. 216 p.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. **Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social**. Rev. NUFEN [online]. v.5, n.1, Janeiro-Julho, 12-25, 2013.

SOUSA FILHO, 2009 apud COELHO, Leandro Jorge. CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

VEIGA e GONDIM, 2001 apud GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia, 2003, 12 (24), 149-161.

VEGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WEEKS apud BRITZMAN, 1996 apud LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós- estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

WEEKS, 2007 apud SILVA, Liza Manuela Martins e. SANTOS, Sandro Prado. **Sexualidade e Formação Docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia**. FACIP/UFU. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjH3-zG1PbkAhWkILkGHVodDU0QFjABegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.nutes.ufri.br%2Fabrapec%2Fviiienpec%2Fresumos%2FR0835-1.pdf&usq=AOvVaw0tldIKinXGshmn1Vkgqivz>> Acesso em: 25/06/2018.

WEEKS, Jeffrey, 1993 apud LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.